

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a-folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 16

BRAGA

SABBADO 13 DE MAIO DE 1832

UM DIA DEPOIS

Folgo a revolução na sua festa maçônica, e fatigada das alegrias, cahio no lethargo que succede ás grandes crapulas.

O centenario Pombalino se de um lado foi um ultraje a quanto ha de nobre e virtuoso no coração de um povo, teve no seu reverso alguma coisa de Providencial.

Deus escreve sempre direito, mesmo por linhas tortas. O addagio, por muito portuguez, está á vontade no ensejo actual.

A nação portugueza depois dos abalos reiterados porque passou nos primeiros annos do seculo presente, careceu do repouso prolongado em que tem jazido, como que adormecida e indifferente ao movimento revolucionario. Embalada na doce illusão de um supposto triumpho a revolução acreditou haver esmagado as crenças e o brio portuguez, como esmagára o solo da patria com o rodar da sua artilharia, e com o ruído das derrocadas. Quiz gosar de todo o seu triumpho, e assentar-se risonha no cumo do seu edificio. Olhou em redor e riu de prazer. Os eccos acordaram-se ao som d'aquella gargalhada satânica, e com elles uma nação que dormia.

Em boa hora. Aquella gargalhada foi uma affronta, e aquella affronta uma provocação.

De todos os angulos do paiz respondeu áquella affronta o espirito catholico estreitamente enlaçado ao ardor e ao decoro genuinamente portuguez; áquella provocação responderá o futuro estimulado e lançada ao terreno a questão religiosa.

Era uma necessidade que se fizesse do modo mais natural as fusões nos unicos dois campos que podem encontrar-se: a revolução com todas as cores de um Iris, e a reacção mais santa, sob a bandeira branca, quer tenha no centro uma simples cruz, que tenha os escudos nacionaes. Estremados assim os dois elementos, mais forte e mais tremenda ha-de ser a peleja.

Quil-o a Providencia. Imperscrutaveis são os seus designios. No campo liberal, confundidos monarchicos e republicanos, conservadores e socialistas, deram-se as mãos. Uma situação bastarda tem de ser a victima expiatoria da obra nefanda que edificou. Necessitando de um cadafalço, buscou-o nas memorias Pombalinas. Que mais adequado, e que mais propicio podia ser esse achado? Amontoado o combustivel um quarto de se-

culo é ainda bastante para lhe atear o fogo. O que ha-de ficar d'este seculo será uma lição proficua para os seculos vindouros.

E a revolução, encarnada n'ella a alma do seu Pombal, ha-de ter como elle o seu centenario. Os povos de amanhã recordarão as torpezas que encontrarão na sua historia e cobril-a-hão de maldições. Como o Pombal existia a revolução no auge do seu orgulho, insolente ameaçadora, vingativa; nefasta monstruosa! Como o seu Pombal inventa as pavorosas para se fortalecer, esfola a nação para se recrear, persegue a Igreja para se sustentar, calumnia-a para se justificar, enche-se de vaidade para provocar, multiplica inimigos, que receia inteiramente, mas de que zomba por ostentação, cahirá execrada, maldita, corrida, carregada de crimes e de infamias! A época levanta o busto do Pombal á porta por onde se entra na cidade do poder; o futuro ha-de levantar estatuas á revolução, ás portas por onde se saem as fronteiras de um povo, que a recebeu de bacamarte nas mãos, e a expulsa de grilheta nos pés.

Cara será por certo a experiencia aos pombalinos. Tenham paciencia. Estava chegado o momento dos desenganos. Disperteram o gigante adormecido. O primeiro bocejo é uma ameaça de morte. Quando elle deixar cair o braço que o tem imminente sobre a cabeça da hydra, ha-de esmagal-a sem que renasça jamais;

Travou-se a lucta: para que ella se torne verdadeiramente renhida, forçoso é que se inaugure a época das perseguições audazes e dos golpes decisivos. No campo raso, ou nas encrusilhadas, não tememos o ferro inimigo. Venha elle, que estamos preparados para volver a aggressão quando venha, ou para aggreir, se a tibieza sustiver as osadias do adversario.

Carecemos lutar, porque na lucta nos retemperamos. Cara a cara, corpo a corpo! Eia! quer tragam o gibão dos cavalleiros, quer venham com a blusa da canalha! Eia! Provocar não basta. Aqui estamos, face a face! Estaes nos baluartes edificados por Pombal, por Danton e Robespierre, nós estamos dentro da Igreja de Jesus: homens contra homens, edificio contra edificio. Ao choque dos colossos estremeça a terra, abra em si a cratera, forçoso é que devore um de nós já que não podemos existir em comum sobre ella.

A reacção levanta a cabeça, depois! Pois bem: a reacção levanta tambem o braço, lança-vos alliva um olhar desdenhoso.

Fixai-nos bem, e vede se nas rugas da fronte temos ou não os caracteristicos de uma decisão firme e de uma coragem franca.

Agora mofai, insultai-nos nas nossas cren-

cas, feri no coração o povo, mas vede, mas lacteai que a arteria d'este corpo começa a bater forte e a acelerar-se.

A reacção levanta a cabeça, e levanta-a com o orgulho de quem não teme, e com a altivez de quem pode.

E venham mais centenarios, e levantem-se mais estatuas: nós carecemos d'estas provocações que nos fortalecem por que nos estimulam. Não tendes Tavoras a queimar nem Jesuitas a esbulhar e perseguir, tendes deante de vós uma nação que crê, um povo que quer, um futuro que espera, um destino que vos condemna.

CARTA DE MGR. FREPPEL

Contra o centenario maçônico-Pombalino

Angres 1 de Maio de 1832.

Snr. Redactor.

Recebemos alguns numeros do vosso excellente jornal a *Ordem*, que houvestes por bem enviar-Nos, em os quaes vem publicados numerosos protestos contra a projectada celebração do centenario de Pombal. Comprebendo, e como vós experimento, a emoção que este novo attentado da franc-maçonomia deveu produzir entre os catholicos portuguezes. Em verdade, é evidente que taes manifestações não tiveram outra origem nem miram a outro fim senão o odio á Igreja e á illustre Companhia, contra a qual aquelle homem d'Estado se mostrou o mais odioso e encarnicido perseguidor. Ninguem nega talento ao marquez de Pombal; mas quando esse talento só serve para fazer triumphar um despotismo cruel, ha direito de perguntar se será bom, se será util propô-lo á admiração d'um povo. Nada ha que mais profundamente inquiete e perturbe a consciencia humana do que estas glorificações da injustiça e da violencia. Com taes glorificações o sentimento moral nada lucra e tudo perde; e esta tendencia, tão vulgar na actualidade, em procurar nos annaes d'uma nação, não os factos gloriosos que os abrilhantam, mas aquillo que mais lizongueia e aquilo os rancores e o espirito de partido, é por sem duvida um dos symptomas menos equivocos da degradação dos espiritos.

Ha muito que se disse tudo quanto ha a dizer sobre a obra de Pombal; e a historia imparcial já pronunciou o seu juizo severo sobre este homem «coração de pedra», como lhe chamava um dos vossos monarchas, D. João V. E' difficil encontrar quem, como elle, levasse tão longe o egoismo, a

ambição, e o desprezo dos homens. Nada houve, por mais respeitavel que este favorito da fortuna não sacrificasse ao seu interesse proprio, ou que julgava tal Hamilton e aviltou a realza, convertendo-a em docil instrumento de suas vinganças pessoais; calçou aos pés as liberdades publicas, estabelecendo o poder mais absoluto que nunca jámais se viu; fez da justiça um joguete, violando todas as formas legaes nos tribunaes que creou, a que elle mesmo prezidia, e aos quaes impunha a sua vontade como regra; n'uma palavra, teria deshonrado a religião, se o pudera ser, querendo associar-a aos seus crimes. Pois será possível esquecer os meios que este homem nefasto empregou para augmentar sua fortuna e dominar sem rival? Confiscar os bens de seus adversarios com o fim de se apropriar de grande parte d'elles; substituir a liberdade de commercio pela concessão de privilegios e monopolios em que elle era o primeiro interessado; responder com o exilio ou com a deportação ás legitimas queixas dos negociantes feridos nos seus direitos e lezados nos seus interesses; atterrar com sanguinarios rigores as populações justamente alarmadas em virtude de medidas que as arrastavam á ruina; recusar aos filhos o direito de uzar dos titulos de seus pais sem auctorização do soberano; declarar reu de leza-magestade todo aquelle que resistisse ás determinações d'um ministro; atulhar, finalmente, as masmorras do Tejo de victimas do seu odio e da sua ambição, a tal ponto, que logo depois da sua queda, Portugal inteiro respirou allim ao ver sabir das prisões centenaes de desgraçados que n'ellas havia sepultado uma politica cruel e vingativa: eis o systema de governo a que Pombal deixou vinculado o seu nome. E é isto que a franc-maçonomia se propõe celebrar no proximo dia 8 do corrente em nome da liberdade, da equaldade e da fraternidade? Bem avizado se mostrou o nobre Francisco Coelho da Silva, quando, sendo ainda vivo o marquez de Pombal, se tornava o echo de seus contemporaneos e o denunciava ao juizo da posteridade, ouzando dizer á herdeira de D. José I, n'uma das praças de Lisboa: «Ainda sangram as feridas rasgadas no pobre Portugal pelo despotismo cego e sem limites do ministro desthronado. Foi um inimigo da humanidade, da religião, da liberdade, do merito e da virtude. Atulhou as prisões e as fortalezas com a flor do reino; atormentou o povo e regou o Estado com um sceptro de ferro, e d'um modo tão grosseiro e tão aviltante como nunca o mundo viu».

Não é meu intento, snr. Redactor, recordar agora aquillo que os publicistas do

FOLHETIM

SENTENÇA

Contra o marquez de Pombal sobre os Reguengos de Monsanto

Proferida em 6 de fevereiro de 1781

(Continuado do n.º 14)

O rendimento com que se figurou na proposta foi: 370,000 reis, em que andava arrendado, quando se propôz a sobrogação, e isto foi o que se disse ao Senhor rei Dom José, mas não se declarou, que por ser muito diminuto este rendimento, e que por andar a cobrança dos Quartos em má administração, se tinha pedido ao mesmo senhor facultade para se tombar. Nem se disse que o tombo estava já principiado, e que se mandou sobrecrestar para se fazer

este contraste; nem menos n'elle se calculou aquelle diminuto rendimento dos 370,000 reis com a devida attenção ás regalias e privilegios inherentes ao Reguengo, que to, das ellas eram dignas de fazer subir o seu intrinseco valor, a mais de quarenta mil cruzados. Se tudo isto se expoesse ao Senhor rei Dom José, que queria a conservação das capellas, era impossivel, que o mesmo Senhor approvasse tal subrogação.

Quanto ella foi prejudicial, pelo que o Reguengo entrou a render, depois de concluido o Tombo, pois suposto que as testemunhas dos Auctores, por deporem todas de ouvido e fama publica, não façam prova concluyente e Juridica de ter rendido o Reguengo cinco mil cruzados, fazem um indicio vehementissimo de ter sido muito avultado o rendimento que a Ré tem recebido: Pois na contrariedade não combateu o art.º 10.º de Libello, nem disse coisa concluyente a respeito, nem menos provou,

quanto rendera, tendo nos seus creados ou rendeiros muito bem com que provar quanto tenha recebido do Reguengo, depois que se concluiu o Tombo.

E d'aqui se infere legitimamente quanto temeu a Ré fazer prova que concluísse a razão arguida pelos AA., e por isso impugnou com a devida formalidade, que os AA. tinham articulado, de render o Reguengo cinco mil cruzados.

Ao Senhor rei Dom José figurou-se-lhe, que os capellães, tinham feito a proposta, e que o Dom Abbade e Definidores a tinham approvado. E a verdade do facto era em contrario, pois tudo tinha sido feito por Frei Manuel de Mendonça debaixo das direcções do Reo, e tudo foi escripto e assignado sem animo livre, mas com o temor do grandissimo respeito do mesmo Reo; nem em tal contrato se conviria de outro modo pelas razões que ficam ponderadas, que todas sem violencia

persuadem que o Decreto do Senhor rei Dom José foi obtido com obrepção e subreção.

Portanto, e pelo mais dos Autos, Julgam provada a razão no Libello, e condemnem a Ré marquez de Pombal a que largue aos AA. capellães das capellas do Senhor rei D. Diniz o Reguengo de Monsanto e suas pertencas e regalias com os fructos da lide contestada, compensando-se estes com o rendimento dos Padrões em concorrente quantidade, que d'elles se tiver cobrado nos annos que se liquidaram. Roubando a Ré os mesmos Padrões, logo que os AA. tomarem posse do Reguengo, e pague a Ré as custas dos Autos em que a condemnem. Lisboa 6 de-fevereiro de 1781. Foi presente com uma Rubrica.

(CONCLUSÃO.)

Pereira. Dr. Costa. Telles. Faria.

vosso paiz não deixarão, por certo, de tornar bem patente, com referencia á imprudente e errada politica exterior do Pombal, nem tambem o pouco que favoreceu os verdadeiros interesses do seu paiz, oppondo-se ostensivamente á Inglaterra, mas em realidade sempre submisso a esta potencia, e isto com tal arte que fez acreditar sincera a sua linguagem arrogante, quando não passava d'um veu com que logrou illudir seus aduladores servis; desprezando os elementos de defeza nacional a ponto de pôr em perigo a propria existencia do reino que, se não fora um capricho inesperado da fortuna, certamente teria perecido na guerra tão loucamente empenhada com a Hespanha, deixou, ao sair do poder, por sua politica equivocada e incerta, o seu paiz a braços com as desconianças da Inglaterra por um lado, com a hostilidade de Hespanha e com os ressentimentos da França pelo outro. Não sei se é n'isto que se funda a franc-maçonaria portugueza para celebrar os servicos do marquez de Pombal; seja como for, a imprensa dará mostra d'um grande espirito de abnegação associando-se ao elogio do ministro que levava tão longe o amor do progresso e o desejo da publicidade que chegava a prohibir que houvesse correio para o estrangeiro mais que uma vez por semana, e a não permitir que se publicasse em Lisboa um só jornal! É verdade que foi Sebastião José de Carvalho quem, no ultimo quartel do seculo passado, deu o signal de perseguição contra os Jesuitas: eis sem duvida o verdadeiro titulo de gloria para aquelles que tanto se empenham em celebrar o seu centenario. Mas se ao cadafalso de Belem e ás masmorras do Tejo ajuntarem a fogueira de Malagrida, em duvido muito que todo este apparatus funebre possa entusiasmar as almas que ainda conservam o sentimento do justo e do honesto.

O juizo de Voltaire, que n'este ponto é insuspeito, ficará sendo o juizo da historia: «O excesso do horror.» Com effeito, seria necessario remontar aos Cezares pagãos para encontrar excessos semelhantes aos de Pombal, expulsando os missionarios d'essas admiraveis reduções do Paraguay, onde, ha dous seculos, realisavam prodigios de sabedoria e dedicação; mandando torturar aquelles que não logrou exterminar pelas armas da calumnia e da mentira; envolvendo-os em conspirações imaginarias sem o menor indício e a menor prova, só com o fim de mais certamente os ferir: recompensando com supplicios estes apóstolos da caridade que pouco antes, por occasião do terrivel terramoto de Lisboa, o povo cobria de bençãos pelo seu heroismo incomparavel; arrancando de suas casas, para arremear ás costas da Italia, sem recursos e sem abrigo, pobre velhos cujo crime consistia em oppôr um dique aos planos d'um orgulho desmedido!... Não, na historia de Portugal não ha pagina que mais desgoste e indigno o leitor. E todavia sam estas mesmas atrocidades que levam em mira celebrar sob o nome e na pessoa de Pombal! E ha de vir depois d'isto atugir-nos os quvidos com o progresso dos costumes, com o adiantamento dos povos nas vias da justiça, da tolerancia, da liberdade!

É forçoso confessar que estas apoteoses do despotismo e da tyrannia servem só para impedir o triumpho da civilização christã.

Ao menos, em meio d'espectaculos tão tristes, uma cousa que ha que nos enche de consolação: é ver que, por toda a parte onde se pretende ressucitar essas lembranças do passado para glorificar a injustiça e a violencia, os catholicos protestam com nobre energia, em nome do direito e da verdade. E' por isso que elles, em todos os paizes sam os salvadores da honra nacional, e preservam a consciencia publica dos mortaes attentados que lhe poderiam trazer manifestações tão contrarias aos principios da razão e ás leis do Evangelho. E esse papel vós o tendes desempenhado nobremente por occasião do centenario de Pombal. Não posso por isso deixar de felicitar-vos, ao mesmo tempo que vos dignéis aceitar meus sinceros agradecimentos pela mimosa remessa do vosso jornal, e bem assim o protesto de meus affectuosos e dedicados sentimentos em N. S.

† Ch. Emile Freppel.
Evêque d'Angers.

AINDA O CENTENARIO

De um jornal insuspeito, porque milita debaixo da influencia das sociedades secretas—e por isso inimigo de Deus—da sociedade bem moregerada—transcrevemos os seguintes periodos, que archivamos, e pedimos aos nossos leitores que pensem bem, no que ali se diz, com respeito ao idolo ultimamente festejado.

«Podia, porém, prescindir-se da maxima tyrannia, do odio, da vingança. O rigor castiga sem aviltar; o odio, porisso que é um sentimento mau, envergonha e infama; o primeiro pôde rehabilitar; o segundo provoca represalias; um redime, o outro exaspera.

Sebastião José de Carvalho, porisso que aceitou a tarefa pesadissima da rehabilitação da sua patria, devia proceder dentro dos limites da maxima tolerancia. Reformar, matando, é tarefa que se nos affigura facil; mas reformar, sem o expediente das vinganças, das delações, dos odios, é o que se nos affigura mais difficil. O reformador tolerante sem odios, sem interesses, sem ambições, é o verdadeiro heroe, o dedicado patriota, o decidido liberal, que bem merece um altar no grandioso templo da patria.

Sebastião de Carvalho exterminava, por que a sua indole o levava a esses excessos; a historia apoda-o de ambicioso e orgulhoso, e por estes dois defeitos facilmente se poderá avaliar o seu caracter. Elle mesmo, em documentos publicos, dá sobejas provas do seu espirito despotico. N'uma carta, aliás um monumento de energia e patriotismo, dirigida ao gabinete inglez diz:

«Eu fiz estrangular vivo o duque d'Aveiro por ter attentado contra a vida do rei; poderei muito bem fazer enforcar quem, com desprezo das leis, lhe roube a sua effigie.»

No livro de viagens, o duque de Chatelet referindo-se a uma entrevista com o ministro de D. José, registra as seguintes palavras d'elle:

«Quanto fiz, foi por ordem de meu amo; nada tenho de que me arrepender... As prisões e os carcereiros foram os unicos meios que encontrei para domar um povo cego e ignorante.»

Pombal não disse a verdade. D. José era apenas um rei *in nomine*; quem mandava era o seu ministro, porque tinha amplos poderes por tudo. O monarcha temia-o a um ponto que se acobardava deante d'elle. Lemos algures que estando D. José a jogar com alguns fidalgos deixara cabir as cartas por vêr entrar o seu ministro com o semblante carregado, Pombal dominava-o, o que não é para estranhar, attenta a grande differença entre um e outro.

De prisões e carcereiros fallou apenas Sebastião de Carvalho ao duque de Chatelet; esqueceu-se, talvez, das forcas que fez levantar, dos tormentos que decretou, das alçadas que estabeleceu, e d'esse infame tribunal da Inconfidencia; cuja organização equalava, se não excedia, o da Inquisição. D'isto não fallou o ministro de D. José, porque, no declinar para a campa, talvez o espirito do remorso começasse a dilacerar-lhe a alma.

E ainda perguntamos: Como se pôde ser tão grande e tão baixo?... Como podem reunir-se aspirações de liberdade e sentimentos de despotismo?...

É difficil a resposta. O certo é que o reformador de Lisboa, o patriota extraordinario que conseguiu reedificar a bella e do-nairosa rainha do Tejo, arrazada por uma catastrophe horrorosa, praticou atrocidades sem conta, que se levantam na historia portugueza com todo o seu funebre cortejo de lagrimas, gritos, desesperos e sangue, lagrimas que nenhuma commemoração apagada, gritos que os applausos não abafam, desesperos que a historia não diminue, sangue que nunca se lava.

Eis o que foi o marquez de Pombal, um liberal e um despota. Realizou este grande paradoxo, que nos parece ninguem mais realisarã.

As memorias de Sebastião José de Carvalho, dizem que por occasião do estabelecimento da Companhia dos vinhos, Pombal tirava 3 cruzados em pipa, o que lhe dava um rendimento annual de 120:000 cruzados novos.

Que uma das testemunhas no processo do duque d'Aveiro, um miseravel sapateiro, recebera uma recompensa de 5:000 escudos e a promessa de uma boa herança, para dizer que os Tavoras entraram na conspiração;

Que o architecto chamado pelo ministro de D. José para dirigir os trabalhos do cadafalso onde deviam morrer os Tavoras, foi preso sem saber por que, estando encarcerado dois annos;

Que a filha de Sebastião de Carvalho que desposou D. Manoel de Sampaio, houve em partilhas as joias das senhoras Aveiro, Tavora, Alorna e Athouguia, apparecendo no dia das nupcias adornada com estes despojos sanguinarios.

Estes quatro factos, cuja authenticidade nenhum historiador combateu, são vis e baixos, porque representam a ganancia, o lucro, a rapina. O ultimo, especialmente, é degradante.»

CORRESPONDENCIA

Povoa de Lanhoso 11 de Maio

(Do nosso correspondente)

Como correspondente da *Cruz e a Espada* não devo deixar passar em silencio qual

Pombal, e que desde este exame ficou sendo amigo de D. José de Seabra.

Foi feito desembargador da Relação do Porto, por alvará do 1.º de janeiro de 1753, e pouco depois nomeado ajudante da secretaria de estado, para coaljuvar o 1.º ministro.

Em 25 de abril de 1765, foi nomeado procurador da corôa, e a 20 de abril de 1766, guarda-mór da Torre do Tombo. Em 1757, tinha sido nomeado fiscal da companhia do Grão-Pará e Maranhão—e por carta da rainha, D. Maria Anna Victoria (infanta de Hespanha, e mulher de D. José I) foi nomeado executor da sua real fazenda, em 10 de maio de 1760.

Em 25 de janeiro de 1770, foi feito desembargador do paço, e, finalmente, em 6 de junho de 1771, ministro e secretario de estado de D. José I, adjunto a Sebastião José de Carvalho (que já era conde de Oeiras, desde 6 de junho de 1759, e marquez

quer facto occorrido n'esta villa e concelho, nem tampouca qualquer assumpto, tanto politico como litterario ou religioso que de ordinario se discuta, debaixo de diversas phases no apostolado da imprensa.

É de meu dever, pois, emitir a minha, ainda que fraca, mas justa opinião, sobre um extenso debate que n'estes ultimos dias se tem ventilado na imprensa portugueza, tanto monarchica, como republicana e catholica.

Quero refferir-me ao centenario do impio e despota marquez de Pombal; os jornaes republicanos e progressistas (e tambem alguns regeneradores) fizeram côro, e *una voce*, teceram ao tal marquez, *fantoche* dos mações portuguezes, tantos elogios dissimulados que vieram por fim a cair todos em prol de seu descredito.

Os desejos d'esses jornaes devem estar satisfeitos com a celebração do centenario ao Nero portuguez; porem se por um lado impam de contentes por levarem ao fim sua vontade, por outro lado estão de tal maneira enraivecidos pelo movimento catholico que se vai notando, dia a dia, em todos os pontos de Portugal, que não sei como ainda se não foram esbarrar ás portas de..... Rilhafoles.

Descançai, ó energumenos que quizestes elevar o marquez barbaro ao Pantheon dos bons portuguezes; escusais de incensar com a vossa *basorra* ficticia, pois que o fumo d'esse vosso incenso maligno, não é capaz de o guindar ao apogeu dos verdadeiros portuguezes, porque a sua elevação á apothese é um logar que a historia portugueza lhe nega. Promotores do centenario maçonico ao marquez de Pombal, permiti que eu humilde correspondente da «Cruz e a Espada», d'aqui vos enderece os meus cordeas pezames para a festa, a que vós quereis dar um lusimento jamais visto em festas iguaes, não sobresahir com aquella pompa que os vossos estolidos desejos vos dictaram; porem, amigos promotores, de balde attribuireis essa vossa desgraça (e ai que pena por ficares derrotados na luta!) aos catholicos, ou segundo a vossa nescia linguagem aos reacionarios ou ultramontanos; mas sim, á maioria do povo portuguez (algum do qual vosso leal companheiro) que rejeitou com um ar proprio de gente honrada e civilizada a vossa indigna festança.

E, sentindo o grande disgosto por que acabais de passar, não sei com que vos possa auxiliar para de novo restabelecer o vosso infernal partido que no dia 8 soffreu um choque nunca visto.

R. F.

NOTICIARIO

A peregrinação no dia 8.— Mais uma vez a nossa Roma Portugueza, a cidade de S. Geraldo e d'outras preciosas reliquias da Igreja, se mostrou digna do nome porque é conhecida no mundo catholico.

Salve Braga! Salve Roma Portugueza—Salva filha predilecta da Igreja catholica! As gerações vindouras bem dirão de teus filhos, porque, escudada na fé de teus maiores, e cheia de um santo zelo pelo que tens de mais sagrado, protestastes contra o centenario do marquez de Pombal, contra

de Pombal, desde 18 de setembro de 1769)

Por decreto de 17 de janeiro de 1774, foi exautorado de todos os empregos, proscripto, e mandado sahir da côrte, no prazo de 48 horas, para o Valle de Bésteiros, onde devia apresentar-se de 15 em 15 dias; e ali esteve até 30 de abril do mesmo anno, dia em que o corregedor d'Evora e juiz de fóra e officiaes de justiça de Tondella, lhe intimaram a ordem de prisão. Foi escollado por uma força de cavallaria, até á cidade do Porto, dando entrada na prisão do castello de S. João da Foz, a 4 de maio, e d'ahi embarcou a 4 de outubro em um navio que fazia viagem para o Rio de Janeiro. Esteve preso na ilha das Cobras, d'onde sahiu para Angola, aportando em Loanda, no 1.º de março de 1775. D'ahi seguiu viagem para o presidio de Pungo Adongo (*Pedras Negras*) onde permaneceu até 1778.

(Continúa)

FOLHETIM

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA

Este famoso estadista, nasceu em Villela, a 31 de outubro de 1732, sendo baptisado a 17 de novembro do mesmo anno, na ermida de São Domingos, da Torre de Villela.

Foi filho primogenito de Lucas de Seabra da Silva, nascido em Lobão, concelho de Bésteiros (Tondella) a 6 de outubro de 1694, foi lente de prima, de leis na Universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo (por alvará de 6 de Junho de 1730) fidalgo da casa real (por alvará de 30 de abril de 1745) agraciado com a carta de conselho, no mesmo anno de 1745, no qual tambem foi nomeado conselheiro da real fazenda, e, mais tarde, desembargador do paço, além de outros muitos logares que exerceu com honra.

Foi senhor dos morgados de Lobão e Fail, e 7.º do de Figueiró dos Vinhos, pelo seu casamento com D. Joséfa Thereza de Moraes Ferraz fallecida em Coimbra, a 5 de junho de 1750, e seu marido morreu em Lisboa, no mez de dezembro de 1756.

José de Seabra da Silva, concluidos os seus preparatorios, matriculou-se na faculdade de direito, da Universidade de Coimbra, no 1.º de outubro de 1744, e, depois de um curso em que sempre se distinguuiu, pela sua applicação, tomou o grau de doutor na sua faculdade, em 24 de abril de 1751. No 1.º de março de 1752 fez *exame de vago* ou de *jure aperto*, em uma das salas do paço, causando admiração os seus grandes talentos.

A este acto, assistiu Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º ministro de D. José I, e futuro conde de Oeiras e marquez do

essa palhaçada infernal que envergonhou os vivos e os mortos!

Ao alvorecer do dia 8 tudo se punha a caminho da igreja dos Congregados. A honrada classe artistica é a primeira a comparecer tomando o seu nobre estandarte a Cruz.

Antes de sabirem do templo assistiram á missa que a Associação Catholica mandou celebrar pela alma das victimas do Nero portuguez, e pelo mesmo tyranno.

Uma musica annunciava aos bracarenses a sahida da peregrinação; nas torres repicavam os sinos, e uma salva de fogo, diz estar tudo completo a seguir a montanha do Sameiro. O povo aglomera-se e principia a encorporar-se, á proporção que vae seguindo.

A commissão dos meninos toma logar no centro.

A Cruz dos artistas abria a edificante peregrinação, tomando logar no couce a nossa redacção com a sua elegante bandeira na qual se achavão gravados os emblemas da Cruz e a Espada, entrelaçadas, tendo do lado da cruz a palavra—Fé—e do lado da Espada a palavra—Justiça—: no baixo d'este emblema, lia-se em caracteres de ouro, o seguinte distico—Salve Virgem SS. do Sameiro.—8 de maio de 1882.

Era conduzida pelo distincto academico o Snr. Manoel d'Oliveira Barboza, prestes a completar o curso—pegando ás fitas dos lados, os nossos collegas João Ferreira Torres e José Antonio Alves.

No percorrer da peregrinação, o povo affluia de um modo extraordinario a tomar logar e a engrossar as suas fileiras.

Em varias ruas da cidade, o povo das janellas cobria de flores a Cruz, a bandeira, e os peregrinos. Ás 9 horas tinha chegado ao Bom Jesus, e depois d'um pequeno intervalo para descanso, seguiu a imponente peregrinação para a colina do monte Sameiro. Em 10 horas, já aquella nuvem de povo acercava o monumento e enchia aquelle vasto terreiro e capella. A alegria, traduzia-se no rosto de mais de 4:000 pessoas.

Resou-se a missa e subiu ao pulpito o Rev.^{mo} P.^o Francisco Morgado das Marinhas, que com a sua palavra sonora e baseada sómente nos grandes misterios da Virgem Immaculada, deixou aquelle selecto auditorio repassado do mais santo jubilo.

Findos estes actos religiosos osromeiros trataram de algum descanso.

O céu parecia chover graças sobre aquelle exercicio de crentes, que, todos alegres entoavam canticos á Santissima Virgem. Pelas 2 horas subiu tambem ao pulpito o Ex.^{mo} dr. Domingos Moreira Guimarães, que, n'um breve discurso, exaltou as maravilhas da Rainha dos Céus.

Escusado é dizer-se mais nada do seu bello sermão, que a todos baptizava. Em seguida cantou-se a musica a ladainha, e finda a qual principiaram osromeiros a debandar.

A nossa bandeira foi entregue á Ex.^{ma} meza para perpetuar o protesto contra o centenario do marquez de Pombal.

Mas, caso admiravel—quando fallavamos no eminente sacerdote, o P.^o Senna Freitas, eis-que n'um relance de olhos, deparamos com elle!

O nosso coração saltava d'alegria e o de todos os peregrinos:

O grande lalador do catholicismo, reparte conosco a effusão d'alegria que sua alma sente, e no meio tudo deixa soltar uns gemidos de dôr, pela fraqueza de alguns catholicos, que na occasião do perigo se occultam por detraz das cebas do inimigo. E' instado para que subisse ao pulpito, 1.^a, 2.^a e 3.^a vez e a final, accedeu ao nosso pedido. Abençoado seja.

Pelas 4 horas da tarde o templo do Bom Jesus achava-se apinhado de fieis, não tendo a maior parte dosromeiros conhecimento de que o sabio sacerdote ia subir á cadeira da verdade, porque então seria preciso prêgar ao ar livre.

S. Exc.^a demonstrou o que era o centenario e o que era a peregrinação.

Não temos palavras que possam expressar aquelle brilhantissimo discurso. Tudo ficou suspenso. A sua palavra encanta, e penetra no coração do ouvinte. O P.^o Senna Freitas é um verdadeiro apóstolo, é um verdadeiro bemfeitor da humanidade.

Trabalha para civilisar o mundo e salvar das almas.

Nada mais podemos dizer.
Salve Braga! Salve povo fiel!
Salve mil vezes salve!

O Ex.^{mo} Nuncio.—Na terça feira pelas 4 horas da tarde chegou a esta cidade o Ex.^{mo} Nuncio Apostolico, sendo esperado

na estação do caminho de ferro pelo Ex.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz, e Mons. Rebello de Menezes, sendo em seguida acompanhado até ao Seminario, onde se hospedou.

A sua chegada foi inesperada, e Braga alvorçou-se, logo que teve tão consoladora noticia. Na 4.^a feira foi S. Exc.^a visitar o Sanctuario do Bom Jesus do Monte e a Virgem Santissima do Sameiro, acompanhado do seu secretario e do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz, Mons. Rebello e de mais pessoas gradas.

No Sameiro foi esperado pela Ex.^{ma} meza da confraria com uma banda de musica, havendo vivas. Ficou encantado de tudo, e principalmente da rica imagem da SS. Virgem, e do formoso panorama que d'quelle local se descobre á vista do vizitante.

Os estudantes do Seminario deram a S. Exc.^a as provas mais frizantes da estima que lhe consagravam: illuminaram o frontispicio do seminario, corredor da entrada e claustros.

Uma musica estacionava ali tocando varias peças, e de momento a momento levantavão-se entusiasticos vivas.

A cidade illuminou-se em todas as noites principalmente o Campo de S. Thiago, rua do Anjo, S. Marcos, S. João do Souto, largo do Paço, rua Nova de Souza e outras.

Os moradores do Largo do Paço mandaram illuminar o chafariz, que produzia um lindo effeito, tocando ali a musica regimental até altas horas da noite, e isto por occasião em que S. Exc.^a assistia ao jantar offerecido pelo Ex.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz.

São dignos dos maiores elogios os muradores do Largo do Paço—porque do contrario estaria ás escuras aquelle formoso local.

Na sahida para o Seminario, foi acompanhado por uma nuvem de povo, dando vivas—a ponto de ser costoso entrar no Seminario.

Visitou a nossa Cathedral—Collegio do Espirito Santo, e outros estabelecimentos de educação religiosa.

A sua presença encantava, e Braga a guerreira de cem seculos, abriu os seus musculosos braços, para com alegria conchegar ao peito, o representante do Santissimo Padre Leão XIII.

A sua visita, foi para nós o penhor mais sagrado e a prova mais eloquente em que Braga é tida e considerada no mundo catholico.

Braçaçães: Viva o Ex.^{mo} Snr. Nuncio Apostolico! Viva a religião catholica!

Viva ó SS. Padre Leão XIII.

Partiu.—O Ex.^{mo} Snr. Nuncio Apostolico despediu-se hontem do povo bracarense, seguindo do seminario pela rua do Anjo, S. Marcos, Largo do Barão de S. Martinho, rua de Souto fua Nova de Sousa, e Alegria, dando entrada na gare da estação do caminho de ferro pela 1/2 hora. Foi numerosissima a concorencia de povo, e 22 carroagens fazião o sequito de S. Exc.^a sendo victoriado ao chegar a estação, com frenesim delirante.

As ruas do transito estavam coalhadas de povo e as janellas alornadas com cobertores de damasco, d'onde foram lançadas flores em grande quantidade a Sua Exc.^a

Foi acompanhado pelo Ex.^{mo} e Rm.^o Snr. Arcebispo Primaz, de quem se despediu o Ex.^{mo} Snr. Nuncio, abraçando-o cordealmente.

Durante o tempo da demora até que partisse o comboyo, Sua Exc.^a deu o anel a beijar e abençoou aquelle grande multidão de povo.

Uma musica, que havia precedido o tracto, estacionava ali, tocando lindas peças, havendo sempre entusiasticos vivas.

A maior parte do povo que acompanhou Sua Exc.^a á estação, seguiu-o até á de Nine, aonde houveram tambem entusiasticos vivas.

Sua Exc.^a prendia—n'um só os corações de todos os bracarenses, e ficou penhoradissimo do nosso povo.

E' assim como Braga, o soldado da fé, recebe dentro de seus muros o representante da Santa Sé—. É assim como a Roma Portugueza presta a mais espontanea homenagem do seu amor aos principes da Igreja, que tem por chefe supremo o successor de S. Pedro—É assim como um povo verdadeiramente catholica se perde no mar do delirio para demonsstrar os arroios d'alegria de que sua alma se acha dominada.

Braga—formosa provincia do Minho, baluarte sagrado da verdadeira civilização christã—mil parabens te sejam dados, e as bençãos do céu caham sobre teus filhos.
Cumpris-te o teu dever.

A maçonaria e o nosso collega a Palavra.—Colligados todos os malditos, e principalmente os jornaes que então ás ordens das sociedades secretas, esses demônios que querem a todo o transe trans-

formar o mundo catholico e civilizado em uma massorra de fogo em brazas, para nos martyrisar vivos, como aconteceu nos primeiros tempos do christianismo—foram pedir a desafrenta ao nosso excellentes collega a Palavra, mas com certo modo, como se astivesse-mos dominados por um bando de selvagens!

A que estado chegou a degradação humana, e o nosso pobre Portugal!

É baixo, é vil, é infame, que o escriptor catholico, no seu pleno direito, seja coagido a retirar as phrases com que fulminou o maior de todos os escandalos, a palhaçada do centenario maçonico.

O reinado das trevas, da ignorancia, quer por força imperar na cidade da Virgem.

Não, não, mil vezes não; estholicos ás armas, um por todos e todos por um.

A nossa bandeira, é labaro Sacro-Santo—que remiu o mundo.

Entremos na pelega com coragem: Viva Deus, abaixo satanaz.

O centenario e a voz do sepulchro do marquez de Pombal.—O escandalo dos escandalos! O inferno dos infernos!!!...

Satanaz, o vosso idolo, riu-se da vossa miseria e admirou-se da debilidade do vosso craneo!...

Pombal, lamentou-vos, e soltou um grito de desesperação: que em tom plangente se ouvia exclamar:—malvados, serviste-vos do meu nome, para dares expansão aos vossos crimes!?

Deixai-me...

Não conheceis a Deus, e ignoraes a eternidade. Aqui só é grande a virtude. Orae ao Senhor, e pedi-lhes mesericordia; a oração pelos finados é a melhor coroa de perpetuas que podeis depositar sobre o meu jazigo. Não aggraveis mais os meus sofrimentos: Ignoraes a eternidade, a que preside um Deus, que vos ha-de julgar.

Elle vos perdoe o mal que me cauzaastes.

Como elles são.—Alguem, que não é nenhum branco, impoz-se com unhas e dentes, para que os artistas debaixo da sua direcção, não abandonassem as obras na segunda feira, forçando-os assim a que não fossem á peregrinação ao Sameiro, sobpena de serem expulsos, quando obrassem o contrario—! E se fosse (perguntamos) para um comicio socialista ou republicano? Então pagava-se-lhe até o dia e havia tripas de bode. Irra.

Lucto.—Os Ex.^{os} Snrs. Dr. José Alves de Moura e Agostinho Alves de Moura—estão de lucto pela perda irreparavel de seu bom pae.

Sentimos, e enviamo-lhes os mais sinceros pezaes.

Carta de Mgr. Freppel.—Este admiravel documento foi dirigido pelo sabio prelado Francez á redacção da Ordem.

Luminarias a Pombal.—Ferguntavão:—quem pôz luminarias ao centenario? Respondiam:—no Campo de Sant'Anna um por junto e atacado—depois do lyceu.

Fuga de presos.—Da cadeia de Aguiar fugiram dois presos, que ali estavam pelo crime de furto.

Fallecimento.—Finou-se o Snr. José Maria Pereira, moço no vigor da vida e eminente pianista d'esta cidade.

Era um joven digno de sincera estima.

Ainda tivemos o gosto de o ver no jantar do Senhor D. Miguel 2.^o, tocando o hymno de Sua Magestade e outras peças maravilhosas.

José da Praça—como lhe chamavam, era uma alma bella, embora o tufão revolucionario pretendesse abalar as suas creenças.

Sentimos de veras a sua morte, e comprimetamos seus bondosos paes, que devemo suavisar suas magoas com o balsamo oramico da religião em que seu filho morreu.

Outro.—Tambem se finou o Snr. Manoel José da Silva, escrevente do Snr. dr. Theotonio José Rodrigues d'Abreu e Fontes.

Este homem era um perfeito cavalleiro: legitimista de puras creenças, viveu e morreu abraçado á cruz e á bandeira da legitimidade. Foi escrivão das armas, e exerceu certos lugares de confiança, o que tudo desempenhou com o maior escrupulo. Em homenagem á verdade, podemos dizer que o finado era um cavalleiro d'antiga raça, e uma alma adornada de todas as virtudes.

Sentimos, como seu verdadeiro amigo o seu rapido desaparecimento d'este val de lagrimas: á sua inconsolavel familia os nossos sinceros pezaes. Crêmos, como catholicos que a sua alma está na presença de Deus.

Outro.—Tambem se finou a Sr.^a Luiza Maria de Jesus Ribas, extremosa espo-

sa do Snr. Lourenço Antonio Ribas. Era dotada de todas as virtudes que adornam uma boa companheira no lar domestico.

Receba o inconsolavel marido os nossos sentidos pezaes.

A esturdia.—Alguns rapazes que frequentam o nosso lyceu andaram no dia 8 pelas 10 horas da noite com uma esturdia, dando vivas ás cinzas de um morto, que jaz ha cem annos, e á liberdade dissolvente etc., etc.

Não passou d'uma chinfrinada destemperada propria de certos matreiros, para desfructarem a ingenuidade dos pelludos, que deram ós seus 40 reis para ajuda da chulada amarquejada—pomalina.

Os vivos eram correspondidos com uma assobiada infernal, e outras demonstrações de regozijo...

Pobres rapazes! a compaixão implorava por voz, e a lembrança da vossa pouca idade.

E que dirão vossos paes, que tratam d'enxofrar as vinhas para mandar-vos depois a agua-pê?

A culpa não é vossa, mas de quem devia ter mais juizo.

Quizeram desfructar-vos, é o que foi.

Os estudantes do Seminario de Lamego.—Estes mancebos de quem a religião e a patria tem muito a esperar, mandaram celebrar exequias solemnes no dia 10 do corrente pelas almas das victimas innocentes do verdugo marquez de Pombal.

Edificante exemplo.

O inglez o sabiano e o macaco.—Um rapasito que tinha um macaco pousado sobre o hombro, implorava a caridade das pessoas que passavam pelo roundpoint da ponte Nova, em pariz.

Um inglez deu-lhe uma pequena moeda, mas olhando mais attentamente para o macaco e achando-o do seu grado pediu ao saboiano que lh'o vendesse.

Recusa da saboiano, insistencia do inglez, mas de combinação chegaram a accordar na venda do animal pelo preço de 30 francos ou 9\$000 reis. O rapasito chorando a perda do seu ganha-pão e indo com a vista d'umas pequenas moedas de ouro dirigiu-se para a esquerda e o inglez levando o macaco sobre os braços, dirigiu-se para a direita. Mas apenas este tinha dado alguns passos o quadromano saudoso sem duvida do seu antigo dono da sua vida de bohemio agita-se, grita, espernea, puxa as orelhas ao inglez fere-lhe a cara com as unhas e põe-se em tal estado, que o comprador impaciente lança-o ao rio, para cima do parapeto da ponte. Por felicidade o animal cae proximo da terra e consegue pôr-se em salvo. Apenas se acha seguro sacode-se e lança-se sobre as arvores do Vert-Galant, d'onde foi necessario empregar esforços extraordinarios para o fazer descer. Saltou então para os braços do saboiano, que quiz entregar ao inglez as suas moedas de ouro; mas este recusou-se energicamente a acceptal-as e presenteou com ellas o pobre rapasito, que o agradeceu, todo commovido.

HOTFL LUZO BRAZILEIRO
PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO
Proximo ao Passeio Publico

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.^{mos} Snrs. Hospedes, as comodidades precisas tanto em acao como em limpeza, por preços muito rasoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

Missa do setimo dia

Os abaixo assignados pedem a todas as pessoas de sua amizade o especial favor d'assistirem a uma missa, que para suffragar a alma do seu chorado pae, Manoel Alves de Moura, hade ser rezada, na igreja dos Congregados, segunda feira 15 do corrente pelas 10 hora da manhã.

Agostinho Alves de Moura
José Alves de Matra.

ARREMATACÃO DE PROPRIEIDADES

No dia 21 do corrente mez de Maio, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta cidade terá logar a arrematcação de uma morada de casas sita no campo de Sant'Anna n.^o 37 com frente para a rua do Sardoal e bem assim da Quinta de Goaltar com todas as suas pertencças, bens estes que pertenceram ao fallecido Manoel Joaquim Alves Passos.

O PROCURADOR

(38) José Joaquim Pereira Pinto.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito d'esta Cidade de Braga, e cartorio do escrivão do segundo officio João Marcos d'Araujo Ribeiro, correm editos de trinta dias citando, chamando e requerendo todas as pessoas insertas equaesquer credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca, que se julguem com algum direito e acção ao casal da finada Dona Maria Anna Dobbs de Mello, moradora que foi no largo de Nossa Senhora a Branca desta Cidade, para que venham dentro d'aquelle praso, que começará a correr na forma da lei, deduzir e allegar seus direitos ao inventario orphanologico a que se procede por seu fallecimento, em que é inventariante o viuvo que da mesma ficou Manoel José da Silva Mello, pendente no Cartorio do referido escrivão, assistindo aos termos d'elle sob pena de a sua revelia, seguir o mesmo seus termos e ser por sentença julgado: vai collocada uma estampilha do valor de dez reis devidamente inutilisada.

Braga 4 de maio de 1882.

O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

(36) Adriano Carneiro de Sampaio.

No campo de D. Luiz 1.º caza n.º 9, vende-se vinho maduro e bom a 50 reis o quartilho. (37)

CASA FELIZ

Ignacio Torres

28—Praça do Barão de S. Marinho—28
BRAGA

EXTRACÇÃO A 16 DE MAIO DE 1882

Premio grande 7.000\$000 reis

Tem á venda no seu feliz estabelecimento grande sortimento de bilhetes, meios, quartos, decimos, oitavos e fracções de diferentes preços para a mesma loteria, encontra-se neste estabelecimento bom surtimento para todas as loterias, de Hespanha e Lisboa: a roda principia a andar ás 11 horas da manhã; de tarde estará presente o telegramma dos premios maiores.

Loja com fazendas brancas, miudezas, charutos, colarinhos, gravatas, punhos, silouras, tudo por preços commodos.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda póde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9

BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias, desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios-gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

COLLEGIO

DE

SANTA CATHARINA

Rua da Alegria N.º 473

PORTO

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais saudavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bõa disciplina; instrucção bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante.

Os alumnos são tratados como filhos.

Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educação e de se informarem a respeito d'ella.

O Director.

José de Ramos Soares Baltar.

O MENSAGEIRO

DO

CORAÇÃO DE JESUS

SUMMARIO

Intenção geral do mez de maio de 1882—Os interesses da Igreja na America meridional. 65

Amigos do Cor. de Jesus.—O P. Gabriel Malagrida. 75

As Conspiradoras.—Uma gotta d'amoniac. 84

Ascensão—poesia de J. D. 93

Sóis ó Virgem meu amor—poesia de A. M. 96

Chamamento ao mez de Maria poesia de J. S. G. 99

Convite para desaggravo ao SS. Sacramento. 100

Actos de desaggravo em Lisboa. »

Carta S.ª a um velho portuguez na Asia—1.º Pastoral sobre o sacrilegio em S. Christovão: O sr. Arcebispo de Mitylene põe o dedo na chaga.—2.º Ainda o centenário pombalino.—Os dois Coelho. —Honra a estudantes de Lisboa. Castigo.—Um Pedrozo terror de outro. Protecção ás letras e sciencias.—Homens e homens.—historiadores, juristas, medicos, geographos mathematicos, poetas, litteratos, theologos, grammaticos. escriptores classicos, philosophos, naturalistas; heroes.—Retrato do Marquez.—Projecto de lei da infallibilidade. Enigma explicado.—Um desmentido e varias noticias. 101

AS ARTES PORTUGUEZAS

NO SECUO IX

POR

ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS

VENDE-SE POR 100 reis EM

Braga:—Tygraphia Lusitana—Rua Nova de Sousa n.º 4.

Livraria Popular—Antonio Telles de Meneses—Rua de S. Marcos n.º 2.

Coimbra:—Tygraphia da Ordem—Rua do Norte n.º 6.

Livraria Academia—de J. Melchhiades.

Guimarães:—Livraria Editora—de Teixeira de Freitas.

Lisboa:—Livraria—de Joaquim Antonio Pacheco—Praça de D. Pedro.

Porto:—Livraria Portuguesa e Religiosa—de Braga & C.ª—Clerigos 96 e 98.

Livraria Religiosa e Scientifica—de J. J. Mesquita Pimentel—Rua de D. Pedro n.º 53.

J. J. de Mesquita Pimentel

LIVREIRO-EDITOR

51, RUA DE D. PEDRO, 53—PORTO

ACABA DE SAHIR Á LUZ:

Marquez de Pombal

CEM ANNOS DEPOIS DA SUA MORTE

PELO

CONDE DE SAMODAES

Um volume in—12, de 334 paginas primorosamente impresso... 600 reis.

Pelo correio 630

Á venda em Braga em casa dos snrs. Manoel João de Faria & C.ª—Largo de S. Francisco n.º 9, e nas livrarias.

O APOSTOLADO DA IMPRENSA

CONFERENCIAS RELIGIOSAS

QUE NOS DOMINGOS DA QUARESMA RECITOU NA SÉ CATHEDRAL DO PORTO

Monsenhor Luiz Augusto B. Vianna

EDITOR—JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

Do mesmo modo que os variados ramos da litteratura, tambem a oratoria sagrada, com o ser altrás a ultima a soffrer os efeitos d'um determinado mal, atravessa hoje um cyclo de decadencia lastimoza.

A perversão philosophica e social, traduzida nos immensos systemas erroneos que das escholas passaram a avassallar o mundo até ás ultimas eminencias sociaes, desnor-teou a razão talvez a título de libertal-a, atrophiou os sentimentos generosos e estancou assim as fontes da verdadeira litteratura, creando para ella um meio arido, esteril, corrupto e delétero.

Este grande mal, porém, da nossa época nunca foi total, cmo nunca o foram os defeitos dos diferentes periodos que uma sociedade ou um seculo atravessa.

Como n'outros casos, tambem n'este a Providencia, cujo sapientismo governo a tudo se estende, suscita homens de talento superior, de sentimentos rectos e de virtude austera, homens que sabem alrear-se com admiração no meio vicioso e corrompido do seculo em que vivem e subtrahir-se perfeitamente á força dominante e quasi irresistivel da corrente geral.

Assim, as suas obras, pautadas, na fórma, pelos grandes modelos classicos e inspiradas, quanto á idéa, nos ensinamentos sublimes da eterna philosophia christã, são astros de fulgentissima luz nas trevas que nos cercam, marcos que apontam o verdadeiro trilho aos transviados e palavras de vida e salvação para todos.

Precisamente d'este genero são as Conferencias, cuja edição vamos empreliender.

Recitadas durante os domingos da presente Quaresma na Sé Cathedral d'esta cidade, hão sido escutadas com a mais profunda attenção e religioso silencio por um numerosissimo e selecto auditorio.

Porisso foi que o auctor tendo de ceder ás instancias reiteradas de numerosos amigos e d'ontras pessoas illustradas, que o conjuraram a que dêsse á estampa os seus discursos, verdadeiros modelos d'eloquencia sagrada, se dignou confiar-nos a edição dos mesmos, a qual vamos fazer, certo de que não faltará o favor publico, quando abundam tantos titulos que a elle recomendam o presente livro.

Este estará á venda no meiado do proximo mez d'abril, pelo preço extremamente modico de 200 reis.

Desde já se recebem assignaturas na administração da «Palavra» e na Livraria Religiosa de J. J. de Mesquita Pimentel, rua D. Pedro, 51 e 53.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.